

## MARGENS / 1996

Realização: Pedro Sena Nunes / Direcção de Fotografia: Paulo Ares / Som: Emídio Buchinho / Montagem: Paulo Belém.

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema / Director de Produção: Pedro Sena Nunes / Chefe de Produção: Susana Madeira / Cópia em 16mm, colorida, falada em português / Duração: 28 minutos / Inédito comercialmente / Primeira exibição na Cinemateca: 1996 (“Sessão Especial: filmes de alunos do Departamento de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema”).

## FRAGMENTS BETWEEN TIME AND ANGELS / 1997

Realização: Pedro Sena Nunes / Direcção de Fotografia: Frank Smith e Duncan Finnegan / Som: Jim Rusk e Duncan Finnegan / Montagem: Colin Monie.

Produção: Pépinières European Program – Glasgow Film and Video Workshop – Centro Português de Artes e Ideias / Produtora: Aimara Reques / Cópia video, colorida, falada em inglês com legendas em português / Duração: 52 minutos / Inédito comercialmente / Primeira exibição na Cinemateca: 1997 (“Ante-estreias”).

### *Filmes de Pedro Sena Nunes*

A evolução do trabalho de Pedro Sena Nunes levou-o para zonas que, em termos estritos, já pouco têm a ver com o documentário entendido no seu sentido mais convencional. Assistir, em sequência, a **Margens** e **Fragments Between Time and Angels**, é a oportunidade de constatar essa óbvia deslocação, mas também de investigar o que nela há de mudança e de permanência.

A querermos considerar o último título ainda como documental há que referir uma alteração fundamental de perspectiva que vai muito para além da passagem de um universo rural (a aldeia transmontana de **Margens**) a outro de características inapelavelmente urbanas (a Glasgow de de **Fragments...**). Se o documentário é, “classicamente”, uma forma de olhar a alteridade e buscar uma compreensão do “outro”, Pedro Sena Nunes segue, nesta evolução, o caminho contrário, em direcção a um sistema formal onde o documentário é irredutivelmente conjugado na primeira pessoa e a que talvez fosse mais adequado chamar “ensaio”, por exemplo. Há como que um deixar de acreditar numa suposta “transparência” do real, e essa opacidade recém-descoberta passa a ser trabalhada (vide o “flou” de **Impressões do 3º Dia em Glasgow**, também de 1997) como inultrapassável ponto de partida da relação de Pedro Sena Nunes com o mundo. Os dois filmes de Glasgow transformam-se por isso em crónicas de uma solidão absolutamente pessoal onde o real se dá a ver enquanto reflexo da projecção do indivíduo no mundo – e onde, consequentemente, o sujeito do olhar é pelo menos tão importante como o seu objecto.

**Fragments Between Time and Angels** leva essa lógica até um ponto próximo das suas últimas consequências. Relato de uma experiência (a estada de Pedro Sena Nunes na capital escocesa), olhar sobre uma cidade e uma cultura que insistem em permanecer estranhas, **Fragments...** é um filme que se diria “assombrado” pela constatação de que essa opacidade do real mais não representa do que uma interrupção da continuidade entre o indivíduo e o mundo – que o desenraizamento vivido em Glasgow terá tornado inteiramente visível. Daí, também, que este seja um filme tão marcado pela ideia da morte, pelas suas interrogações e pelas suas imagens (a

visita à morgue, a conversa com o vendedor de lápides, etc.), e pelo refúgio na mais profunda introspecção biográfica: o filme abre com imagens em Super 8 filmadas pelo pai de Sena Nunes, algumas delas mostrando o próprio realizador enquanto criança, numa rima com o outro tema recorrente do filme, o nascimento. **Fragments** é um filme balizado entre a memória do princípio e a angústia do fim, entre o “tempo” e os “anjos”, e habitado pela inexorabilidade do “aqui e agora” que une esses dois pólos. Consciência da finitude, consciência da impossibilidade de ser “outro” noutro lugar ou noutro tempo – são estes os termos em que se joga **Fragments...**, é por eles que Pedro Sena Nunes o constrói na mais irredutível subjectividade.

Visto agora, e em face do caminho tomado pela obra de Pedro Sena Nunes, há um ou dois aspectos presentes em **Margens** que (além dos seus valores intrínsecos e da sua justeza enquanto retrato de uma comunidade, de uma aldeia e, mesmo, de um país) merecem ser salientados. Em primeiro lugar a força com se fazem sentir os temas do isolamento e da morte, relativamente inesperados num filme com estas características, e que indiciam com alguma clareza que, por esta altura, Pedro Sena Nunes já estava interessado em ir um pouco para lá da observação sociológica, procurando “forçar” o real de modo a fazê-lo reflectir outros ecos e outras dimensões menos figuráveis. Depois, o breve mas significativo momento em que as palavras de Ferreira do Amaral surgem dessíncronas em relação ao movimento dos seus lábios. Para além das evidentes conotações políticas, o que esse gesto revela é já a percepção de que, mesmo num dispositivo claramente documental, o cinema continua a poder “desnaturalizar” o real, eventualmente como caminho para melhor o revelar. No futuro, essa momentânea dessincronia tomaria conta dos filmes de Pedro Sena Nunes, como o resto da sessão bem o provará.

Luís Miguel Oliveira

#### NOTA

O texto desta “folha” foi originalmente escrito em 1999, para acompanhar uma sessão que incluía ainda **Impressões do 3º Dia em Glasgow**, no contexto do ciclo “O Novo Documentário em Portugal”.